



Trabalho, meio ambiente e riscos à saúde: O caso do assentamento de reforma agrária Vila Rural Boa Esperança, Paranaíta-MT

Samara Godoi de Jesus^{1*}, Marla Leci Weihs²

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso, Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas Alta Floresta, MT, Brasil

² Bióloga, Doutora em Desenvolvimento Sustentável, Professora da Faculdade de Ciências Biológicas e Agrárias da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Alta Floresta.

*Autor Correspondente: samara.godoi@unemat.br

Recebido: 16/09/2019; Aceito: 15/09/2021.

Resumo: Os assentamentos exercem um papel fundamental no meio rural brasileiro, devido à colaboração econômica e social capaz de reduzir o êxodo rural com a produção de renda, elevar a oferta de alimentos, aumentar a produção na agropecuária e melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores rurais. O presente estudo tem como objetivo identificar as mudanças no meio ambiente e as particularidades do trabalho das famílias de agricultores do assentamento Vila Rural Boa Esperança, visando conhecer os riscos de adoecimento futuro. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários compostos por perguntas objetivas e específicas. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Ao todo, foram entrevistadas 14 famílias. As chácaras foram entregues aos moradores já desmatadas, então no decorrer dos anos não houve muitas mudanças ambientais. Para os agricultores, o trabalho é árduo e intensivo. A dedicação ao trabalho dura em torno de 8 a 12 horas por dia, todos os dias, e muitas vezes os agricultores não tiram um tempo para o lazer. Essa longa jornada de trabalho sem descanso, coloca a saúde dos entrevistados em risco, podendo trazer consequências drásticas à saúde, no futuro. Entre os principais riscos estão doenças como: depressão, ansiedade, câncer, doenças osteomusculares entre outras. Por isso, o envolvimento e preocupação do Estado é de extrema importância. O papel do Estado na vida desses trabalhadores é fundamental, afinal é um direito de todos os cidadãos que lhes seja oferecido melhores condições de vida.

Palavras-chave: Amazônia; Agricultura Familiar; Saúde do trabalho.

Work, environment and health risks: The case of the agrarian reform settlement Vila Rural Boa Esperança, Paranaíta-MT

Abstract: Settlements play a fundamental role in the Brazilian rural environment, due to the economic and social collaboration capable of reducing the rural exodus with income production, increasing the food supply, increasing agricultural production and improving the quality of life of rural workers. This study aims to identify changes in the environment and the particularities of the work of farming families in the Vila Rural Boa Esperança settlement, in order to understand the risks of future illness. Data collection was performed through the application of questionnaires composed of objective and specific questions. The interviews were recorded and transcribed. In all, 14 families were interviewed. The farms were delivered to residents already deforested, so over the years there have not been many environmental changes. For farmers, the work is hard and intensive. Dedication to work lasts around 8 to 12 hours a day, every day, and farmers often do not take time off for leisure. This long workday without rest puts the health of those interviewed at risk, which could have drastic consequences for their health in the future. Among the main risks are diseases such as: depression, anxiety, cancer and musculoskeletal diseases, among others. Therefore, the involvement and concern of the State is extremely important. The role of the State in the lives of these workers is fundamental, after all, it is a right of all citizens to be offered better living conditions.

Key-words: Amazon; Family farming; Occupational health.

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais o trabalho *versus* condições de saúde tem sido amplamente discutido, principalmente devido o alto índice de doenças relacionadas com o trabalho no campo, que, de forma geral, envolve práticas de uso excessivo

de agrotóxicos, horas trabalhadas ininterruptas, falta de lazer e esforço físico. Da mesma forma, Rocha e colaboradores (2015) citam que a deterioração do meio ambiente está determinando o surgimento de novas enfermidades, agravando as já existentes e expondo a sociedade a tormentos que antes não haviam, como por exemplo, a contaminação dos ecossistemas, dificuldades respiratórias e doenças epidêmicas, relacionados à ampla utilização de agrotóxicos.

De acordo com a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), 70% dos alimentos que adquirimos são oriundos da agricultura familiar, a qual ocupa um lugar importante na agricultura mundial, fazendo com que as Nações Unidas determinassem como tema principal em debates o papel dos pequenos agricultores no meio rural. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 4,4 milhões de famílias agricultoras, e dentro da cadeia produtiva do Brasil, eles abastecem o mercado brasileiro com mandioca (87%), feijão (70%), carne suína (59%), leite (58%), carne de aves (50%) e milho (46%), dentre outros.

Segundo Yanai et al. (2015), os projetos de assentamento rurais cumprem um papel fundamental no meio rural brasileiro, pois eles colaboram para melhoria econômica e social capaz de reduzir o êxodo rural com a produção de renda, elevação da oferta de alimentos, aumento da produção na agropecuária e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores rurais (SOUZA-ESQUERDO et al., 2013).

O presente estudo aborda os riscos a que estão expostos os trabalhadores rurais do assentamento. Sob este ponto de vista questionamos: houve mudanças na saúde desses agricultores no decorrer desses anos? Se houve essas mudanças estão relacionadas com trabalho que eles realizam no campo? Objetivamos identificar as particularidades do trabalho, meio ambiente e dos riscos à saúde das famílias de agricultores do assentamento Vila Rural Boa Esperança em Paranaíta/MT, visando caracterizar os riscos de adoecimento futuro.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Área de Estudo

O presente estudo foi realizado no ano de 2019, na comunidade Vila Rural Boa Esperança, localizada no município de Paranaíta/MT, a 910 km de Cuiabá Capital de Mato Grosso. (Figura 1).

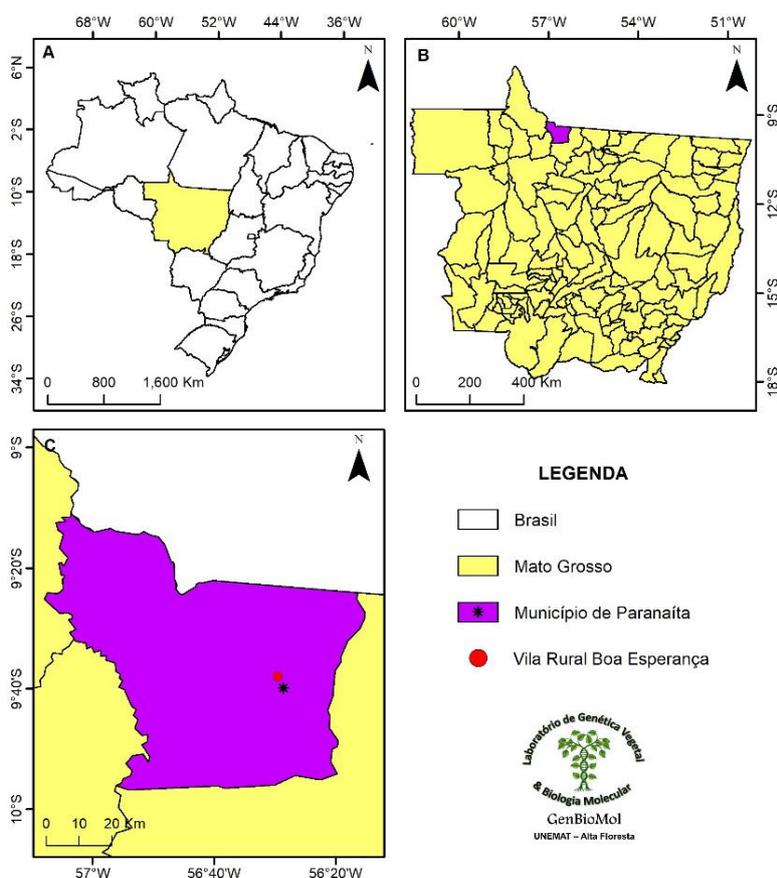


Figura 1. Localização do Assentamento Vila Rural Boa Esperança no Município de Paranaíta/MT.

Paranaíta foi um distrito pertencente ao município de Alta Floresta, criado pela lei estadual nº 4352, de 04 de outubro de 1981, e foi elevada a categoria de município do Estado de Mato Grosso em 13 de maio de 1986 pela lei nº 5004. Segundo o IBGE (censo demográfico 2010), Paranaíta possui 10.684 pessoas, sendo 5.652 na área urbana e 5.032 na zona rural.

O Assentamento Vila Rural Boa Esperança possui 49 famílias assentadas numa área de 92,82 hectares, com lotes de cerca de 1,8 hectares. A criação do Projeto do Assentamento iniciou-se através de um programa chamado Nossa Terra Nossa Gente, implementado pelo Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT). O projeto foi elaborado para a formação e regularização de assentamentos para líderes de famílias acima de 45 anos e em condição de desemprego.

Procedimentos Metodológicos

• Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários compostos por perguntas objetivas e específicas. As principais questões que foram levantadas com os agricultores levaram em consideração suas histórias de vida, o trabalho no campo e a percepção do cenário futuro de doenças.

No total foram entrevistadas 14 famílias. As entrevistas foram realizadas nas residências dos agricultores e duraram entre 10 a 40 minutos. Todos os entrevistados receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes das entrevistas, tendo a liberdade de aceitar ou recusar a responder aos questionários. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

• Análise dos dados

Os resultados obtidos da pesquisa foram analisados e discutidos com base em literatura específica. Trechos de falas dos entrevistados ajudaram a qualificar as discussões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quem são os participantes da pesquisa

Os moradores do assentamento Vila Rural Boa Esperança são na grande maioria pessoas idosas, e/ou na meia idade. Nove dos quatorze titulares dos lotes tem acima de 40 anos, no entanto as idades dos participantes da pesquisa variam de 19 a 83 anos. Com relação à escolaridade, de forma geral os titulares dos lotes não são analfabetos, porém 40% deles estudaram no máximo até o final do ciclo do ensino fundamental II. Quanto à origem dos agricultores, 70% são provenientes da zona urbana, de cidades localizadas em estados como Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul.

Em média, os moradores possuem de 8 a 14 anos de moradia no assentamento, mas a 71% dos entrevistados já reside há pelo menos 10 anos ou mais.

Apesar dos moradores possuírem a propriedade há mais de 10 anos, cinco pessoas das 14 entrevistadas não foram beneficiadas diretamente pelo INTERMAT, mas adquiriram as terras por meio de compra ou troca.

Antes de tomarem posse da terra somente quatro dos agricultores trabalhavam na agricultura. A ocupação da maioria não era agrícola, mas, de modo geral, exerciam atividades de baixa qualificação técnica e remuneração (madeireira, serraria, secretaria do lar, serviços gerais, dentre outras). Todos os agricultores, sem exceção, têm um amor e um carinho imensurável por suas propriedades. Ali, eles depositaram todas as suas forças e esperanças de um futuro digno e próspero e que apesar de todas as dificuldades que enfrentaram e ainda enfrentam, eles seguem sempre com muita vontade de fazer tudo dar certo, e não pretendem sair dali para morarem na cidade.

Primeiras dificuldades encontradas no assentamento

Entre as maiores dificuldades enfrentadas no início da formação do assentamento estiveram: a ausência de saneamento básico, estradas e a falta de renda. Esses obstáculos fizeram com eles sofressem muito, pois tinham dificuldades de acesso à cidade, principalmente em épocas chuvosas, quando as estradas ficavam intransitável devido aos atoleiros. Problemas que eram potencializados pela escassez de meios de transportes. Além disso, os agricultores sofriam com a falta de água potável para beber e cozinhar e, principalmente, a falta de dinheiro, pois muitos dos

agricultores deixaram seus antigos serviços para investirem no assentamento e o pouco que tinham não era suficiente para suprir todas as necessidades da família.

Alguns entrevistados relatam, emocionados, situações vivenciadas pela família:

E1: *“Nós vínhamos de lá da rua com uma Belina velha com a bicicleta em cima. Algumas vezes atolava, aí empurrava a Belina para dentro do mato e tampava ela de rama assim (faz gestos com a mão), tirava a bicicleta e acabava de chegar de bicicleta. Quando era de noite, nós voltávamos para pegar a Belina. Todo dia era assim, era um barreiro que não passava de jeito nenhum, mas agora está bom”.*

E10: *“Falta de verba, tivemos que fazer tudo no braço”.*

E11: *“Era bastante trabalho e as estradas eram ruins e a gente não tinha muitas condições”.*

E13: *“Foi bem difícil, tive que puxar pau no braço, porque não tinha recurso naquele momento”.*

Outros entrevistados disseram que foi tudo “tranquilo”, “sossegado”, que não tiveram dificuldades porque quando chegaram já estava tudo derrubado, a estrada possuía melhores condições de tráfego e existia poço semiartesiano. Percebe-se que para os moradores com menos de 10 anos de posse da terra, as dificuldades foram totalmente diferentes, pois quando adquiriram às propriedades, a infraestrutura do assentamento já apresentava condições melhores.

Os sistemas de produção no assentamento

Desde o início do assentamento, os agricultores investem na produção, que é o meio de sustento da maioria das famílias. No início, toda a produção de verduras, legumes e frutas eram comercializadas individualmente, porém, com o passar dos anos, treze agricultores, do total de 49, se reuniram e criaram uma Cooperativa, chamada de Coopervila (Cooperativa dos Produtores Hortifrutigranjeiros de Paranaíta). A Cooperativa trouxe uma série de melhorias, tanto no assentamento em geral, como nas suas produções. De acordo com alguns entrevistados a instituição lhes proporcionou maior visibilidade e condições para melhorar suas plantações de frutas, legumes e verduras, como tomate, repolho, alface, almeirão, couve, pepino, limão, maracujá, entre outros, além de investir o seu trabalho na criação de porcos e galinhas.

O trabalho na agricultura, geralmente, não tem horário. São os agricultores que fazem seu próprio cronograma, de acordo com o que consideram necessário, trabalhando em média de quatro a doze horas por dia.

Segundo os agricultores, os modos de produção são convencionais. Os produtores dizem que a produção de orgânicos é cara e não são bem apresentáveis para serem comercializados. Segundo eles, os agrotóxicos são aplicados em pequenas quantidades, associados ao uso de bioinseticidas. Porém, os produtores reclamam que estes compostos são caros e pouco eficientes, ou seja, não possuem ação tão vertiginosa como a dos agrotóxicos.

Questões ambientais e riscos à saúde

As terras nas quais hoje está localizado o Assentamento Vila Rural Boa Esperança, antes pertencentes ao INTERMAT, foram entregues aos moradores já desmatadas, porém havia muita “juquira” e “capoeira” (plantas invasoras), bem como “lixo”, termos que os entrevistados usaram para descrever as características do local. As falas de alguns denotam esta questão:

E1: *“Era tudo mato, capoeira, limpamos no braço mesmo, na enxada, no enxadão e no machado”.*

E10: *“Estava desmatado, mas era juquirão, nós tivemos que roçar, queimar e limpar”.*

São inúmeros os fatores que podem ser determinantes para a saúde de pessoas que vivem em qualquer comunidade humana, entre elas a falta de saneamento básico e a qualidade da água (BRASIL, 2007). Durante as observações realizadas no assentamento foi averiguado que a maioria das residências não possui acesso a serviços de saneamento básico, como rede de esgoto. Uma vez por semana o caminhão da Prefeitura passa recolhendo os lixos domésticos. A água que as famílias utilizam é coletada de poço artesiano, e, segundo alguns entrevistados, hoje em dia ela é de boa qualidade, mas que nem sempre foi assim.

E1: *“Melhorou bastante, é limpinha agora”.*

E11: *“Não tinha poço, no começo minha vó trazia água da cidade para beber, porque dava infecção a água daqui, mas depois foi feito o poço e agora também tem água da rua”.*

De acordo com Peroni et al. (2015), um dos maiores desafios do Brasil em relação ao desenvolvimento sustentável na reforma agrária é justamente a qualidade da água nos assentamentos rurais. A definição da melhor política de saneamento demanda um levantamento de informações que visam detalhar a relação entre saneamento

e ambiente, o que necessita pesquisar a opinião dos assentados com respeito a utilização dos mananciais em toda área do assentamento (PERONI e LANNES, 2015).

Outra grande preocupação que surge quando se trata de riscos à saúde de agricultores é em relação ao uso extensivo de produtos químicos. Segundo Rainbard et al. (1995), para as pessoas que trabalham no meio rural o risco de intoxicação é muito alto devido ao intenso contato com alguns agrotóxicos. A pele fica sujeita as pulverizações, e também durante o manuseio para elaboração da mistura e na higienização do equipamento (SPIEWAK, 2001). O uso intenso e em longo prazo de pesticidas no meio agrícola expõe a população à intoxicação, pois os resíduos químicos podem ficar nos alimentos. Além do mais, os agrotóxicos permanecem no solo durante anos, e os agravos a saúde podem surgir depois de meses e/ou anos, podendo ocasionar danos irreversíveis (DOMINGUES et al. 2004)

Os agricultores dizem que fazem pouco uso dos produtos químicos e a grande maioria usa para matar formigas, plantas invasoras e alguns insetos, o que não requer uma grande quantidade, segundo eles. Fala de alguns entrevistados quando indagados sobre o uso de agrotóxicos e proteção:

E1: *“A gente passa pouco veneno, mais para matar formiga cortadeira, senão elas acabam com tudo, mas tem tudo aí, máscara essas coisas”.*

E4: *“Quando o meu marido passa veneno, ele não usa nada (para se proteger), mas meu filho quando passa usa sim”.*

E6: *“Usa nada (de proteção). A gente só passa um pouquinho para matar mato”.*

Para Nunes (2010) o uso correto dos EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) é essencial para defender a integridade física do trabalhador, a não utilização, ou a utilização incorreta desses equipamentos pode vir acarretar grandes problemas a saúde. Na agricultura brasileira, em especial nas comunidades rurais de pequeno porte, é comum encontrar trabalhadores manipulando e aplicando produtos químicos sem o uso obrigatório dos EPIs (COUTINHO et al., 1994).

Ainda sobre o mal que os agrotóxicos podem causar, Ross et al. (2001), revela que nem todos os agrotóxicos causam efeito tóxico na hora, mas o efeito pode ocorrer após algumas exposições repetidas, porém outros precisam apenas de uma única exposição, para que seu efeito toxicológico entre em ação. O uso exagerado dos agrotóxicos no Brasil tem estabelecido um forte impacto no ponto de vista da saúde ambiental e coletiva, pois faz com que ocorra contaminações no solo, ar e água e conseqüentemente nos alimentos e na população, ocasionando muitos casos de intoxicação e óbito (BRITO et al., 2005).

Nessa perspectiva, entende-se que o uso excessivo e abusivo desses produtos coloca em risco a saúde física e psíquica do trabalhador rural. Podendo causar danos à saúde como: diminuição das defesas imunológicas, anemia, impotência sexual, cefaleia, insônia, alterações de pressão arterial, depressão e diversos tipos de câncer (MORIN et al., 2016). Existem estudos que relacionam o uso elevado de agrotóxicos com a alta incidência de suicídios entre trabalhadores rurais (FALK et al., 1996)

De acordo com Amaral (s.d.), o gasto social dos transtornos mentais é altíssimo, comparado aos termos materiais. São inúmeras as carreiras profissionais e de relacionamentos humano devastados pelo transtorno mental.

Trabalho, meio ambiente e condições de saúde.

Os trabalhos que são realizados nos assentamentos rurais demandam bastante esforço físico e mental dos trabalhadores, a necessidade de produzir exige uma longa jornada de trabalho, impedindo muitas vezes que existam pausas para práticas de lazer.

Marcelino (2002), afirma que a prática do lazer é algo que deve estar presente na vida de qualquer pessoa, pois são inúmeros os benefícios que podem proporcionar a saúde e bem-estar do ser humano, porém na maioria das vezes as pessoas não entendem ou não sabem dessa importância. Segundo o autor, o lazer pode trazer grandes benefícios como combate ao estresse, melhorar circulação sanguínea e promover um equilíbrio no meio interno do corpo, colaborando para a melhoria da saúde.

De acordo com as entrevistas realizadas no assentamento, existem meios para algumas práticas de lazer, como academia para terceira idade¹, quadra esportiva de areia e campo de futebol, mas esse tipo de atividade geralmente

é praticado pelas pessoas mais jovem. Nota-se que a maiorias dos agricultores trabalha de “domingo a domingo”, sem muitas folgas diárias que, para eles, é o lazer. Porém, outros dizem folgar todos os finais de semana.

Em relação a este assunto alguns entrevistados relatam que:

E1: *“É difícil, borta não pode parar, sábado, domingo, feriado tem que trabalhar direto”.*

E2: *“(Paramos) Todos os finais de semana”.*

Ainda sobre esta questão, Camargo (1998) esclarece que é importante saber que apenas pelo fato de fazer uma caminhada já é um lazer, o lazer não se define só em atividade física, mas qualquer coisa que possa tirar o trabalhador do ritmo do dia a dia e lhe proporcionar prazer. De acordo com Gregg et al. (2000, apud GUALANO e TINUCCI, 2011) as evidências apontam que falta de atividade física está associada com a taxa de mortalidade, obesidade, maior incidência de queda e debilidade física em idosos, aumento do colesterol, depressão, demência, ansiedade e alterações do humor.

Saúde quer dizer que o organismo do indivíduo está em equilíbrio com o ambiente, tanto mental, físico e psicológico. Com base nisso, a Lei nº 8.080/1990, artigo 3º do Conselho Nacional de Saúde diz que:

“A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais”.

Os agricultores do assentamento são, na sua maioria, pessoas com idade acima de 30 anos, que dizem já ter vários problemas relacionados a saúde, como pressão alta, colesterol e diabetes, e, de acordo com eles, essas doenças não estão relacionadas as atividades que eles exercem na agricultura. Tem casos também de pessoas que dizem que quando vieram para morar no assentamento, esses problemas já existiam. Mas há casos de pessoas que adquiriram doenças com o passar dos anos trabalhando na agricultura, e estas acreditam que as doenças podem estar relacionadas aos trabalhos que eles realizam no assentamento. Dizem que podem estar relacionadas com fato de trabalharem muitas horas expostas ao sol, por carregarem peso e também por trabalharem de cócoras.

Alguns entrevistados falam sobre as doenças que adquiriram:

E1: *“Temos problemas de carregar peso, gasta a cartilagem do joelho”.*

E2: *“Acho que devido ao sol, a esposa acabou tendo problema com a pele”.*

E10: *“Tive câncer de pele, câncer no seio e agora trombose”.*

Segundo Bayer (2016), muitas doenças osteomusculares e lesões por esforço repetitivo são relacionadas ao trabalho, que podem ser ocasionadas devido a postura incorreta, carregamento de peso, repetitividade entre outros. *Dentre os problemas relacionados a saúde de trabalhadores rurais, doenças osteomusculares ou musculoesqueléticas e do tecido conjuntivo são as mais comuns, e geralmente atacam os braços, punhos e joelhos, além de dores lombares crônicas e problemas na coluna dorsal (ALVES et al., 2012)*

Ainda sobre as doenças, eles explicam como acham que aconteceu:

E1: *“Carregar madeira nas costas, peso”.*

E2: *“Acho que é falta de cuidado da gente, de não trabalhar tanto na hora do sol quente, fazer algumas prevenções”.*

E10: *“99% é por causa do sol, porque a gente colocava fogo, mas o que não queimava nós íamos roçar, limpar no solção quente. A minha trombose, o médico falou também que é por causa disso. É por isso que o povo do sítio aposenta mais rápido, por causa dos problemas que tem”.*

A maioria dos agricultores diz que quando adoece procura tratamento nos postos de saúde ou hospital do município, mas também são adeptos a receitas de chás caseiros. Para alguns deles é complicado ir até a cidade por “qualquer dorzinha”, como citam, pois não existe transporte público, necessitando assim de outros meios de locomoção. Segundo os agricultores, quando procuram ajuda é porque “não tem mais jeito”.

4. CONCLUSÕES

Mesmo com todas as dificuldades que enfrentam, os agricultores gostam muito de onde vivem e como vivem. A maior preocupação deles é o medo de, no futuro, não ter saúde suficiente para continuarem seus trabalhos. Além disso, a falta de emprego e de recursos é um fato que assusta a maioria.

O assentamento de reforma agrária Vila Rural Boa Esperança tem um histórico de muitas lutas, conquistas e desafios, tentando sempre melhorar a qualidade de vida das pessoas, produzindo alimentos, gerando emprego e renda a muitas famílias do mundo todo. No entanto, a preocupação dos agricultores ainda é muito grande e ter uma boa qualidade de vida e uma perspectiva positiva do futuro é um direito de todos, mas que infelizmente nem sempre acontece, principalmente quando se trata dos pequenos produtores, pois quando nos deparamos com a realidade em que eles vivem, é fácil entender a preocupação que eles sentem. As condições de vida dos agricultores ainda são

muito precárias, a falta de recurso, de educação, saúde, moradia e infraestrutura de qualidade ainda é uma realidade muito dura. Por isso, o envolvimento e preocupação do Estado é de extrema importância, é necessário olhar para essas pessoas com mais atenção, o papel do Estado na vida desses trabalhadores é fundamental, afinal é um direito de todos os cidadãos que lhe seja oferecido melhores condições de vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R.A.; GUIMARÃES, M.C. De que sofrem os trabalhadores rurais? – Análise dos principais motivos de acidentes e adoecimentos nas atividades rurais. **Informe Gepec**, v.16, n.2, p. 39-56, 2012.
- AMARAL, O.L. **Transtornos mentais**. [s.d]. Disponível em: <<http://www.inef.com.br/Transtornos.html>>. Acesso em: 14 abril. 2019.
- BAYER, L.J.Z. **Curso de especialização em saúde da família – Os agravos à saúde do trabalhador rural**. UNASUS/UERJ; Rio de Janeiro- RJ. 2016.
- BRITO, F.P.; MELLO, S.G.M.; CÂMARA, M.V.; TURCI, B.R.S. Agricultura familiar e exposição aos agrotóxicos: Uma breve reflexão. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2005.
- CAMARGO, L.O.L. **Educação para o Lazer**. São Paulo, Moderna 1998.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, **Lei nº 8.080/1990**, artigo 3º. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/legislacao/lei8080.htm>> Acesso em 29 de abril, 2019.
- COUTINHO, J.A.G. et al. Uso de agrotóxicos no município de Pati do Alferes: Um estudo de caso. **Caderno de Geociências**, n. 10, p. 23-31, 1994.
- DOMINGUES, M.R.; BERNADI, M.R.; ONO, E.Y.S.; ONO, M.A. Agrotóxicos: Risco à Saúde do Trabalhador Rural. **Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 25, p. 45-54, 2004.
- FALK, J.W.; CARVALHO, L.A.; SILVA, L.R.; PINHEIRO, S. **Suicídio e doença mental em Venâncio Aires – RS**: Conseqüência do uso de agrotóxicos organofosforados. Relatório preliminar de pesquisa. Relatório da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. 1996. Disponível em: <<http://galileu.globo.com/edic/133/agro2.doc>>. Acesso em: 14 abril 2019.
- GUALANO, B; TINUCCI, T. Sedentarismo, exercício físico e doenças crônicas, **Revista Brasileira Educação Física**, v. 25, p. 37-43, 2011.
- MARCELINO, N.C. **Estudo do Lazer**: Uma introdução. Campinas São Paulo, 2002.
- MORIN, P.V.; STUMM, E.M.F. **Transtornos mentais comuns em trabalhadores rurais que utilizam agrotóxicos**: um estudo transversal, Universidade de Cruz Alta, 2016.
- NUNES, G.C. **Uso do EPI – Equipamentos de Proteção Individual nas pequenas propriedades rurais produtoras de fumo no município de Jacinto Machado-SC**. 2010. Dissertação. Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2010.
- ONU. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura; Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/artigo-agricultura-familiar-promove-desenvolvimento-rural-sustentavel-e-a-agenda-2030/>>. Acesso em: 08 maio 2019.
- PERONI, J.B.; LANNES, L.S. **Qualidade da água e saneamento básico no Assentamento “União da Vitória”**: diagnóstico, possibilidades e perspectivas. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira – FEIS, 2015.
- RAINBARD, G.; O’NEIL, D. Occupational disorders affecting agricultural workers in tropical developing countries: Results of a literature review. **Applied Ergonomics**, v.26, p.187-193, 1995.
- ROCHA, L.R.L.; FRAGG, W.C.A **Área de Influência da BR-163 no Estado do Mato Grosso: Desmatamento e sua relação com a saúde ambiental no Município de Peixoto de Azevedo**. Researchgate, Brasília, Janeiro. 2015. Disponível em <<https://www.researchgate.net/publication/280100369>>. Acesso em: 18 maio. 2018.
- ROSS, J.H.; DRIVER, J.H.; COCHRAN, R.C.; THONGSINTHUSAK, T.; KRIEGER, R.I. Could pesticide toxicology studies be more relevant to occupational risk assessment? **Annals of Occupational Hygiene**, v.45, n.1001, p. 5-17, 2001.
- SPIEWAK, R. Pesticides as a cause of occupational skin diseases in farmers. **Annals of Agricultural and Environmental Medicine**, v.8, p.1-5, 2001.
- YANAI, M.A.; NOGUEIRA, M.E.; FEARNSSIDE, M.P.; GRAÇA, A.L.M.P. Desmatamento e perda de carbono até 2013 em assentamentos rurais na Amazônia legal. **Anais... XVII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, João Pessoa, 2015.